

- 1 — Tudo, na vida tem um fim.
 Mais ou menos sentido, mais ou menos premeditado. Tudo se resume, então, ao verdadeiro espírito da existência.
 Esta revista nasceu, não só porque sim, mas também para demonstrar que é possível a existência.
 Resulta, em primeira análise, da relação entre um homem e uma mulher: um pouco como se fosse um filho que traduz as contingências do ambiente em que tem crescido. Resulta, em seguida, duma forte vontade de provar que ainda é realizável um projecto cultural neste país, longe de enfeudamentos ou directivas subterrâneas.
 Esta revista, tal como um ser humano, só podia ser sazonal. As estações da Natureza, as estações da vida: a primavera e a infância, o verão e a adolescência, o outono e a maturidade, o inverno e a terceira idade.
 Depois o fim, a morte natural.
 É por isso que o espírito desta revista, aponta para quatro números, mais não traduz sentido menos seria prematuro.
- 2 — Tem sido um caminhar progressivo, tomando consciência de muitos problemas que tocam a nossa cultura. Um pouco como quem procura saber porquê.
 Deixámos inicialmente algumas questões em aberto, e fomos acusados por isso.
 Não era importante delimitar pressupostos ou aprofundar conceitos. E continua a não o ser, porque melhor do que as boas intenções falam os gestos, ainda que imperfeitos, ainda que insuficientes. O que entristece, é saber que muita gente não percebe essa elementar diferença que consiste em falar, falar muito e não fazer nada, e em estar, estar apenas, mas fazer.
 Um dos males deste país, é haver quem esgote o significado das palavras esperando confiadamente um dia de nevoeiro, rasgado pelo perfil dum mecenas salvador...
- 3 — Existem outras questões bem mais graves e difíceis de solucionar.
 Fala-se em cultura e em revistas. Mas o produto acabado que é uma revista de cultura precisa, antes de chegar ao leitor, de superar um sem número de impedimentos, de ganhar muitas batalhas de bastidor e algumas delas têm a ver com as estruturas:
 — Por aqui, vive-se demasiado entregue à mentalidade de grupo, do trabalho de amigos e para amigos. São perspectivas de análise necessariamente fechadas, inoperantes, alicerçadas num certo mito das instituições por mais subversivas que se assumam.
 — Vive-se demasiado à sombra do mestre, nome já feito, quantas vezes por que obscuros domínios, cultivando assim uma mensagem de circuito reduzido, internamente sem contestação, porque também aí, a distancia é insuperável.
 Neste (s) espaço (s) a textura de relação é uma manta de retalhos, descolorida e esburacada.
- 4 — Há quem lute. Há quem soçobre.
 Um ou outro rompe a teia.
 O cerco é:
 — a maioria das editoras divulgando as iniciativas mais comerciais e desprezando tantas vezes projectos inegavelmente válidos mas de futuro incerto. De algum modo percebe-se, pois que os seus objectivos mais do que promover ou dinamizar, são ganhar dinheiro.
 — Os jornais que se remetem a um silêncio obstinado, sem propósito nem prática de jornalismo cultural. Isto para já não falar na inexistência de suplementos culturais.
 O cerco é, ainda:
 — O custo da matéria prima e da mão de obra.
 — O encargo elevado que representam as distribuidoras que, para além disso distribuem sem critério, pondo em pé de igualdade uma revista-de-cultura e uma revista-de-fotonovela.
 — O espírito de alguns livreiros, muitos deles sem qualquer formação específica (evidentemente necessária), que nalguns casos, confundem um livro com um saco de batatas.
 — O potencial leitor, que por deficiente preparação, arranja alternativa para gastar o (pouco) dinheiro que tem, consumindo o livro e apenas quando é caso disso, como objecto decorativo.
- 5 — Se o que se disse, não deixa de ser verdade, não o é menos, o facto de ainda se irem fazendo coisas.
 Coisas efémeras, mas que não perdem valor por isso. É com os seus cadáveres que se desenha a topografia do terreno.
 Não vamos citar nomes, para não correr o risco de ferir susceptibilidades esquecendo alguns. Os mais atentos têm essas referências.
- 6 — Pelo nosso lado, apesar das nossas insuficiências (e deficiências) podemos assumir um certo orgulho, próprio de quem não fala em vão.
 Permanecemos (ainda) como projecto em evolução, oferecendo o espaço que criámos, sem pedantismos.
 Recusam os rótulos, é que a ousadia dum projecto, não se mede apenas pela acidez da linguagem.
- 7 — Quatro é o nosso número enquanto revista, a morte desejada...
 Depois em SEMA, o ciclo irá continuar, reinventando os caminhos por onde a vontade conduz à existência.